

Um estudo sobre a transmissão psíquica no personagem principal de *Memórias de Adriano*

Thassia Souza Emídio¹

Maria Luísa Louro de Castro Valente²

Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

Resumo: Este trabalho pretendeu, por meio de um olhar e de uma escuta psicanalítica, compreender a história de uma personagem de um romance e, a partir disto, construir hipóteses sobre o mapeamento de seu mundo individual, estudando a dinâmica da transmissão psíquica entre as gerações e a influência dos mitos familiares na concepção da realidade familiar. A personagem pertence ao romance *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, trata-se de um imperador romano que, ao constatar a proximidade da morte, decide escrever uma carta-testamento ao jovem Marco Aurélio, o futuro imperador-filósofo. Este estudo trouxe contribuições para o olhar clínico e para a prática em pesquisa científica. Contribuiu, também, para a reflexão sobre a importância da família na constituição do sujeito e dos valores que nos são transmitidos por outras gerações. Possibilitou-nos a compreensão da dinâmica da transmissão psíquica e estas questões contribuíram com conhecimentos específicos na prática clínica com famílias.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; transmissão psíquica; psicanálise aplicada.

Introdução

A Psicanálise pode ser entendida como uma teoria, um método terapêutico e um método de pesquisa. Podemos considerar que é apenas por meio da pesquisa permanente que nos defrontamos com o novo que surge. Ela não lida com o observável, trabalha com o singular, propõe uma outra noção de tempo. É impossível isolar as variáveis para poder compreender o processo psicanalítico, como também é obscura a relação da teoria com a prática clínica.

Na Psicanálise, o trabalho ocorre na fala, mas não se dá nela e sim por meio dela e pelas imagens que a fala pode construir, e é aí que está presente o encontro com o poético, pois, na poesia, as palavras são imagens e sempre existe algo que perpassa a

¹ Mestranda do curso de Pós Graduação em Psicologia e Sociedade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Unesp. E-mail: emidioth@hotmail.com

² Docente do Dpto. de Psicologia Clínica – Faculdade de Ciências e Letras – Assis/Unesp. Email: luisaval@uol.com.br

palavra. Quando lemos um livro, um conto, uma poesia, perdemos os contornos do que é real e do que é ficção. Esta mesma situação acontece na prática clínica. Na clínica, não há mentira, nem dogmas possíveis; nela, apenas existe o captar de uma intersubjetividade que, a cada momento, traz uma verdade, em movimento.

A literatura, tal como os filmes, a música, as artes em geral e todas as expressões culturais de uma determinada época revelam a mentalidade prevalente da mesma.

Segundo Mezan (1998), não é pretensão da Psicanálise dar conta da totalidade dos fenômenos humanos, mas ela tem sempre palavras a dizer sobre muitos deles. Um desses fenômenos trata da complexidade da organização psíquica e dos determinantes de comportamento que só podem ser estudados por meio de casos singulares, sejam pessoas de carne e osso ou personagens da ficção. Esses estudos nos trazem a possibilidade de compreender como se estruturam certos modos de sentir, agir, pensar, sem rotulações, apenas percorrendo os dados disponíveis e inferindo o jogo de forças que originam um comportamento ou uma obra.

Os estudos psicanalíticos das obras literárias ou de outras formas de expressões artísticas entram na categoria denominada por Mezan (2002) de categoria extramuros: em que a diferença entre o que faz o analista sentado em sua poltrona e o analista sentado à sua mesa é que, no primeiro caso, a atividade pretende a elucidação e também a transformação do que ocorre na relação analista-paciente e, no segundo caso, a situação prática se mostra ausente, estando presente somente o pesquisador e seu objeto de estudo a ser construído a partir de dados empíricos. Nesses casos, a ilustração do argumento é feita por meio da análise deste conto ou obra literária.

Desde a época de Freud e da criação da Psicanálise, podemos observar a presença dos artistas e de suas criações. A Literatura, assim como a pintura, a música, o cinema, a escultura e também outras expressões artísticas são, para a Psicanálise, aliados no desenvolvimento, ilustração e até mesmo fonte de inspiração de idéias e teorias.

Neste estudo, assim como Freud (1907/1996) em seu trabalho sobre a *Gradiva de Jensen*, utilizamos uma história de origem fictícia, criada pela mente de uma grande e sensível escritora – Marguerite Yourcenar – para estudarmos os processos que envolvem a dinâmica da transmissão psíquica e os mitos e valores que permeiam o ambiente familiar, a constituição do sujeito e o mapeamento de seu mundo individual.

Em seu estudo sobre a *Gradiva de Jensen*, Freud (1916) coloca que:

Os poetas são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais o nosso saber escolar ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da psique, já que nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (Freud, 1996, v. XIV, p.20)

A Psicanálise busca o inconsciente onde habita o humano. A Literatura revela uma realidade que é a realidade da alma humana. Na Literatura, assim como na Psicanálise, a relação sujeito-objeto é uma relação de superposição em que sujeito e objeto confundem-se – e o sujeito é o próprio objeto da busca.

É possível, então, a partir deste aspecto, elaborar-se um outro desdobramento: se literatura e psicanálise nos fornecem uma leitura do humano e a literatura pode ser traduzida como um lugar de exercício da palavra, então a literatura pode ser considerada

como um dos meios que oferece uma leitura do homem e um conhecimento da alma humana; vista do ângulo da Literatura, a Psicanálise propicia um instrumento de leitura para o literário. O método psicanalítico é um recurso de interpretação, revelação e desvendamento. Leituras desmascaradoras, ambas nos levam a um desvendamento do real.

Para Freud (1916), os escritores eram psicólogos intuitivos que provavelmente bebiam da mesma fonte, cada um utilizando um método diferente, trabalhavam e partilhavam sempre do mesmo objeto que é mente humana.

O conhecimento intuitivo, que Freud dizia que os escritores e artistas em geral possuíam, pode ser entendido como o fruto da expressão do inconsciente desses artistas. Mezan (2002) considera que:

Só os artistas, aqueles que têm sensibilidade especial para seu próprio inconsciente, é que podem vir a afirmar aquilo que diz a ciência (especialmente a Psicologia): os outros mortais só são capazes de chegar lá se se submetem à disciplina da ciência. (Mezan, 2002, p.352)

O escritor, diferentemente do analista, que trabalha na observação do inconsciente de seus pacientes, observa seu próprio inconsciente e, numa manifestação expressiva, molda suas descobertas.

Segundo Mezan (1998), numa criação ou manifestação artística, encontramos a expressão do inconsciente do artista, uma vez que ela se organiza e se estrutura a partir de elementos que escapam à consciência do indivíduo e, freqüentemente, estão em conflito com a parte consciente e racional de sua personalidade.

É importante então, pensarmos no valor que as obras de arte têm para a ciência, para a Psicanálise e para a civilização, uma vez que são frutos do inconsciente de um indivíduo, sendo reveladoras de características específicas.

E foi seguindo este caminho da Literatura aliada à Psicanálise que procuramos, neste trabalho, analisar a personagem principal – Adriano – do romance da autora francesa Marguerite Yourcenar.

O romance a que nos propomos estudar – *Memórias de Adriano* – é surpreendente pela narrativa histórica, pela ambientação física, política, cultural, social e psicológica, que obedece a um rigoroso processo de reconstituição. Escrito entre 1924 e 1951, trata da história de vida do imperador romano Adriano, dos seus desejos e ansiedades. O homem mais poderoso do mundo, no século II d.C., vai se despindo, diante dos nossos olhos, frente ao fantasma de uma morte próxima. Peça a peça, desmonta a sua vida, as suas ações, os seus pensamentos, os seus julgamentos e sentimentos.

O que nos causou inquietação, diante deste romance, foi a constituição do personagem Adriano, a constituição do sujeito Adriano, o personagem principal da história, que é narrada em primeira pessoa, a partir das relações do sujeito Adriano, do seu núcleo familiar e das pessoas que adquiriram grande importância em sua vida.

Voltamo-nos, desse modo, para a compreensão da história de vida de Adriano e, neste exercício, procuramos nos aprofundar no romance e no personagem e buscar aspectos acerca da constituição do sujeito e do papel da família, dos valores passados e dos mitos existentes nesta constituição que poderiam passar despercebidos ou

incompreendidos. Desta forma, o analista poderá ter mais sensibilidade ao se deparar com o psiquismo humano, desenvolvendo sua escuta clínica, escuta esta que deve estar voltada para a constituição do sujeito, o desenvolvimento do psiquismo humano e sua compreensão.

O método adotado para este trabalho leva-nos a pensar sobre a atitude do analista frente a uma obra literária. A atitude do analista diante de um romance ou de um personagem de obra literária não o leva a mudar o rumo da história, nem a criar novos personagens. Da mesma forma que, frente ao paciente, procura desconstruir o discurso e reorganizá-lo, o analista reconstruirá o texto seguindo outras pistas, aprofundando-se no romance e desvelando o inconsciente encoberto pelo consciente.

É por meio de uma escuta psicanalítica que encontramos o sentido deste estudo, procurando o entendimento acerca do personagem, de suas vivências como pessoa real e sua maneira de agir e expressar-se, podendo, desta maneira, compreender seu comportamento e seu funcionamento psíquico.

O método adotado para a construção da presente pesquisa fundamenta-se no modo como Mezan (1998) descreve o trabalho de análise de uma obra:

A Psicanálise se interessa pelo singular, é certo: porém não há singular absoluto. Digamos isto de outra forma: tanto no caso clínico quanto nas produções do imaginário artístico, o psicanalista vai reencontrar certos temas fundamentais, porque estes são o que torna humano o ser humano. (Mezan, 1998, p.78)

Nosso objetivo geral nesta investigação foi o estudo da dinâmica da transmissão psíquica entre as gerações e a influência dos mitos familiares na concepção da realidade familiar e no mapeamento do mundo individual, a partir da história de vida do personagem Adriano.

O romance *Memórias de Adriano* e o estudo sobre a transmissão psíquica entre gerações.

A maravilhosa trajetória do imperador Adriano emociona-nos e inquieta-nos. E mais: tem algo que nos leva a pensar sobre quais aspectos de sua família, com a qual tinha tão pouco contato, Adriano traz para essas experiências relatadas no livro.

Ao iniciar sua história, o personagem filosofa sobre o amor, sobre os prazeres da vida, sobre o corpo, numa tentativa de definir sua existência e assim conclui que, nada o define e que, talvez por sua incapacidade de procurar suas razões de ser, seus pontos de partida, suas origens é que sempre tenha se apegado ao sobrenatural, ao que o senso comum não lhe dava.

No primeiro capítulo, a autora nos leva a uma regressão do personagem que, com nostalgia, pesa sua vida, seus valores e reflete sobre sua história, sobre sua trajetória e dispõe-se a narrá-la a seu sucessor. Adriano não obedece à ordem cronológica exata dos acontecimentos e traz o que lhe vem à mente quando retoma estas lembranças, mostrando-nos, com clareza, que o que realmente conta e importa é a qualidade do

tempo mítico. Desse tempo que se estruturam, com lógica própria, a lógica dos sentidos e dos afetos e dos acontecimentos significativos.

Quando filosofa sobre a vida o personagem diz:

Como toda gente, não disponho senão de três meios para avaliar a existência humana: o estudo de si mesmo, o mais difícil e o mais perigoso, mas também o mais fecundo dos métodos; a observação dos homens que se arranjam freqüentemente para ocultar-nos seus segredos ou por nos fazer crer que os têm; os livros, com seus erros peculiares de perspectiva que surgem entre suas linhas. (Yourcenar, 1974, p. 30)

Adriano encontra nos livros uma maneira de refletir sobre sua existência, sobre sua maneira de proceder na vida. A escrita do livro funciona para ele como a auto-análise para Freud, possibilitando-nos fazer uma aproximação entre o personagem e o pai da Psicanálise.

Tal fato nos leva a retomar Freud (1936) quando este discorre sobre a auto-análise e ressalta a importância da mesma:

O sacrifício que implica revelar-se a outra pessoa, sem ser levado a isso pela doença, é amplamente recompensado. Não apenas o objetivo de aprender a saber o que se acha oculto na própria mente é muito mais rapidamente atingido, e com menos dispêndio de afeto, mas obter-se-ão, em relação a si próprio, impressões e convicções que em vão seriam buscadas no estudo de livro e na assistência a palestras. E, por fim, não devemos subestimar a vantagem que deriva do contato mental duradouro que, via de regra, estabelece-se entre o estudioso e seu guia. (Freud, 1996, p.125)

Na citação de Freud e no relato de Adriano, podemos perceber que ambos recorreram à auto-análise, à análise de sua própria história, para ter um entendimento mais claro de suas vidas e do mundo em que viveram.

Ao refletir sobre sua vida, Adriano pensa no sentido de tudo, nos sentimentos que teve pelas pessoas com quem conviveu, no amor, nas suas ambições e no que pode realizar e construir.

Inicia-se, então, o segundo capítulo, intitulado “Vário Múltiplo Multifforme”, que versa sobre a sua família. Cita cada um dos membros que julga marcante em sua vida e; a partir disso, somos convidados a percorrer um caminho em que, após fazer uma reflexão sobre sua vida e remexer suas lembranças, o que aparece, o que é ressaltado é a família e a importância dos membros do grupo familiar em sua vida. O personagem Adriano busca explicação para suas questões nas suas origens, no grupo que o precedeu e na história de vida dessas pessoas. Neste ponto, já podemos falar de transmissão psíquica, na importância do grupo familiar na constituição do sujeito e nas influências que nos são transmitidas pelas gerações anteriores.

Kaës (2001), quando trata sobre a dinâmica da transmissão psíquica entre as gerações, afirma que:

O que é inelutável é que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes de nascermos, o sujeito de um conjunto intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus ‘sonhos e desejos insatisfeitos’, de seus

recalcamentos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias. De nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos tornará contemporâneos, mas só passaremos a ser seus pensadores pelos efeitos a posteriori. Essa pré-história em que se constitui o originário, a de um começo do sujeito antes de seu advento, se escreve na intersubjetividade. (Kaës, 2001, p.13)

Podemos pensar, então, que nesse grupo precedente, os integrantes que representam as crianças lhes dão cuidados, sinalizam lugares, indicam limites e oferecem proteção. Nesse grupo precedente surgem ações psíquicas que os sustentam ou libertam de recalcamentos de representações, de renúncia pulsional e supressão de afeto. É nesse grupo precedente que o sujeito torna-se sujeito e tem voz, não somente pela fala, mas também pelo fato de ser porta-voz do desejo do conjunto do grupo.

O sujeito do grupo é sujeito de outros grupos e não de um único, e a transmissão ocorre de diversas maneiras: por apoio, identificação, incorporação, etc. E é por esses grupos que são transmitidas as referências identitárias, os mitos, as ideologias, os ideais formados, os ritos e mecanismos de defesa.

Kaës (2001) então coloca:

Nada do que foi retido poderá permanecer totalmente inacessível para a geração seguinte, ou para aquela que a esta se segue.... Deixará traços pelo menos em sintomas que continuarão a ligar as gerações entre si, num sofrimento cuja motivação, mantida, lhes será desconhecida. (Kaës, 2001, p.17)

Freud, em seu artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*, afirma que o narcisismo da criança está apoiado na falta, no que falta na realização dos sonhos e desejos dos pais, porém Kaës (2001) completa o mestre e acrescenta que, a partir dos seus estudos, pôde perceber e comprovar que não é apenas na falta que se apóia e organiza a transmissão, mas também no que não veio, na ausência. Ausência esta que impossibilita o trabalho do pensamento, a fantasia, a representação e o prazer.

Ao pensarmos em transmissão psíquica, podemos nos deter no ponto da temporalidade. O tempo da transmissão pode ter diversas formas, pode ser circular, intermitente, coexistente.

A memória de alguma representação gera um traço que, mesmo com o tempo, pode seguir o inconsciente e se manter vivo, mesmo que recalcado. “O que se transmite é o afeto e o representante da pulsão.” (Kaës, 2001, p.41).

Para o autor, o processo de transmissão traz consigo uma noção de barreira de proteção. Desta maneira, o conceito de ego leva-nos à idéia de uma barreira, de um filtro entre o dentro e o fora e nos mostra que não há transmissão sem regulação.

Freud (1914/1996) acredita na existência de duas vias de transmissão: uma primeira ligada à cultura e ao social, à tradição; e outra que está mais ligada à parte orgânica da vida psíquica, em que o que foi transmitido tornou-se parte do inconsciente. Também coloca a hipótese de uma transmissão por imitação, que pode ser entendida como uma identificação e salienta a existência fundamental do intermediário, que funciona como um filtro e que pode aparecer como um sintoma, como pensamentos intermediários do sonho e até do ego.

Se pensarmos na dinâmica da transmissão, chegaremos também à idéia da existência de uma psique coletiva presente em cada indivíduo e que é passada de geração para geração, garantindo, desta forma, a continuidade, o progresso e o desenvolvimento.

As condições para que ocorra a transmissão podem ser explicadas por meio da existência de um aparelho capaz de interpretar a reação dos outros e corrigir as deformações que são impressas pelos semelhantes nas expressões de seus afetos. E é a partir da compreensão do inconsciente e dos costumes de outras relações, que as novas gerações podem assimilar o afeto transmitido por suas precedentes.

Quando fala do avô, Adriano retoma e se remete aos hábitos dele herdados: o sotaque espanhol e a cabeça sempre descoberta. Fala da paixão pelos astros e relembra momentos em que, junto com o avô, admirava o céu, as estrelas. Estes fatores podem aliar-se no primeiro discurso de Adriano, que foi motivo de risada por causa do sotaque herdado do avô; e também pelas vezes em que este se pegava admirando o céu e se apegando ao sobrenatural. Adriano adquiriu, transmitidos pelo avô, hábitos, costumes e também a paixão por experiências perigosas. Olhar o céu também é sinônimo de sonho, devaneio e atividade introspectiva, de autoconhecimento.

Após falar do avô, fala do pai, Élio Afer Adriano, de quem tem o primeiro e o último nome, relatando que este nunca havia tido sucesso em sua vida política, sendo um homem modesto que se consumia resolvendo conflitos locais. Diante deste fato, podemos refletir sobre o que o personagem apresenta nas páginas seguintes, nas quais diz sentir um apetite por riqueza, por poder e um medo de não se realizar, quando Trajano demora a transmitir-lhe o poder. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914/1996) fala sobre os aspectos narcísicos da transmissão entre as gerações e deixa claro o agenciamento de apoio mútuo existente entre o narcisismo da criança e o narcisismo dos pais e também trata do sujeito do inconsciente que se divide entre ser um fim para si mesmo ou se constituir para um sujeito do conjunto. Freud (1914/1996) coloca: “Se considerarmos a atitude dos pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, há muito tempo abandonado” (Freud, 1914/1996, p.157) e mais à frente:

A criança realizará sonhos de desejo que os pais não executaram; o menino será um grande homem, um herói em lugar do pai; a menina desposará um príncipe como tardia recompensa para a mãe [...] O amor dos pais, tão comovente e no fundo tão infantil, nada mais é que seu narcisismo que acaba de renascer e que apesar da sua metamorfose em amor objetal, manifesta inequivocadamente sua antiga natureza. (Freud, 1914/1996, p. 159)

Esta passagens revelam algumas considerações freudianas (Freud, 1914/1996) acerca do narcisismo da criança: que está baseado no narcisismo dos pais e que a criança herdará o legado do que os pais não puderam ser ou construir. Adriano tem apetite por poder, quer ser imperador e luta por isso, baseado também em algo não construído por seu pai que, como ele mesmo cita, foi um homem que se consumia na política local. O filho do modesto político se tornou, então, o homem mais poderoso do mundo naquela época.

Adriano fala muito pouco de sua mãe, deixa apenas antever seus sentimentos de afeto e admiração e se refere a ela como uma jovem matrona irrepreensível e relembra

de seu leve balanço dos quadris; diz não tê-la mais visto após seus 16 anos, quando foi para Roma com seu tutor. Também fala muito pouco de sua irmã, Paulina, lembrando apenas de seu silêncio e de ter se casado jovem com Serviano, com quem Adriano não tinha uma boa relação. As mulheres de sua família são pouco citadas nessa retomada que o personagem faz de sua família, o que, com o decorrer da história, nos remete à relação difícil do personagem com a figura feminina.

Adriano casou-se com Sabina. Foi um casamento arranjado, feito por Plotina, esposa de Trajano, que julgava importante para ele ter uma esposa, como se tal fator inspirasse confiança. O casamento foi para Adriano uma estratégia e Sabina tinha seus encantos, que foram perdidos pela irritação e aborrecimento que esta sentia com a ausência dele. Ele nunca se esforçou para agradá-la e não se preocupava com a sua presença.

A relação do personagem com as mulheres é bastante superficial. Tem várias amantes e diz ter se apaixonado por apenas uma delas que, tal como ele, sentia um certo desconforto em se ligar a alguém; não gostava, pois sentia-se preso. Para ele, a alma das mulheres estava apenas no perfume e dizia que, ao pensar em algo mais nas mulheres com quem se relacionava, procurava juntar os dois universos femininos, o do prazer e o da vida em família. Fala também que, por muitas vezes, suas amantes o remetiam à Sabina, pela amargura.

Somente uma mulher teve grande importância em sua vida, Plotina, a esposa de Trajano, com quem Adriano tem uma relação de amizade bastante afetuosa e a quem, por algumas vezes, ele se refere como mãe. Plotina é para Adriano um grande apoio; possui como ele o gosto pelas artes, e ambos passavam várias tardes a filosofar sobre a vida.

Percebemos que a relação distante que Adriano possuía com a mãe, de quem ele fala muito pouco, repete-se em relação às mulheres com as quais se relaciona e que, somente com Plotina ele consegue aprofundar e manter um vínculo, o que pode nos revelar que ela representava para ele uma idealização da figura feminina – ele a coloca como uma “entidade”, uma mulher de vestes brancas e que, mesmo com a morte, permaneceu ligada a ele e presente em sua vida. Uma presença eterna, como destaca o personagem.

No horizonte político, relata a paixão pelo exército e toda sua trajetória para se tornar imperador; fala muito de Trajano e dos sentimentos ambivalentes que tinha em relação a ele. Adriano discorre sobre o abandono do expansionismo belicoso do antecessor Trajano e sobre a consolidação das fronteiras do império. Nesta passagem do livro, o personagem relata sua ansiedade pela paz no mundo e seu desejo de ser adorado por si mesmo, de se tornar próximo do povo e de agradar a multidão.

No horizonte cultural, permite-nos perceber sua paixão compulsiva pela herança helênica, sua obsessão em deixar sua marca no desenho das cidades e nos monumentos que as enfeitariam. Tal fato revela a necessidade de Adriano de deixar uma marca para a posteridade, o que se repete na decisão de escrever um livro para o seu sucessor e na construção das cidades para as pessoas que mais amou. Comenta que a construção de Portinópolis veio do desejo de homenagear Plotina e Antinoé, como um “catálogo completo de suas recordações” (Yourcenar, 1974, p.156), uma forma de manter vivas as lembranças das pessoas queridas. Este fator também se evidencia quando Adriano, ao retomar sua relação com a irmã Paulina, percebe que se manteve afastado dela a vida

toda e que uma das formas de reencontrar seu lugar terno de irmã seria colocando o nome dela em um dos bairros de Antinoé. Destacamos, ainda, o fato de Adriano não ter filhos, o que, segundo Freud (1936), é o que torna o homem imortal, o que deixa uma marca para a posteridade. Adriano não deixou filhos, mas deixou cidades e monumentos, algo que o fará permanecer na lembrança das pessoas e, assim, o fez acreditar que pôde realizar o seu desejo de permanecer na Terra, mesmo depois de morto.

No horizonte amoroso, revela seu apego homoerótico por jovens favoritos e as intensas paixões que eles, sucessivamente, lhe despertaram. Fala de Lúcio, o primeiro deles, que Adriano carregara junto de si por seis meses e a quem concede um cargo no governo. E, depois, nos remete à sua paixão por Antínoo, um menino que deixou que Adriano se sentisse feliz e não se importasse com o futuro. Relata a relação que tinham, fala das viagens, de tudo que ensinou ao menino e do que com ele aprendeu, da presença constante ao seu lado e da mais completa felicidade.

Pensar sobre estas relações estabelecidas por Adriano abre-nos vários caminhos. Adriano vivia romances homossexuais; vivia com esses meninos uma paixão que, para ele, era deliciosa, porém também sentia em relação a eles certa superioridade; queria ensinar-lhes muitas coisas, mostrar-lhes lugares, transmitir-lhes a cultura que adquirira, função de modelo, que é, dentro da teoria da família, destinada aos progenitores. Isso nos leva a questionar quais os sentimentos que permeavam as relações de Adriano com esses meninos?

Sabe-se que, na Roma Antiga, as relações homoeróticas entre homens eram vistas como “normais”. Homens mais velhos relacionavam-se com “meninos” e isso tinha toda uma representação para a sociedade. Esses relacionamentos eram tidos como ritos de passagem e, quando o homem mais velho era alguém de prestígio social, isso representava uma posição de *status* para o menino, uma aceitação na sociedade. Podemos pensar, então, se estas relações de Adriano com seus “meninos” não pertenciam a esse rito de passagem e se ele também não teria passado por estes rituais em sua juventude.

Amor, prazer, ensinamento, pai e filho. Adriano, que não teve filhos e só se depara com tal realidade ao pensar em seu sucessor, estabelece com estes garotos um vínculo de pai e filho que se confirma, quando após a morte de Antínoo, adota Lúcio e o coloca como seu futuro sucessor, como uma forma de agradecer-lhe pelo eterno carinho e apoio. Com a morte de Lúcio, a sucessão fica para seu filho, Marco Aurélio que, nesta linha, seria o neto do Imperador.

Relatando seu romance com o menino Antínoo, Adriano pensa na irritação que sentia por estar preso a alguém e no problema que isso representava para a relação e para sua vida. Adriano mostra certo desprendimento em relação às pessoas e aos lugares. Apesar da paixão que sente por Atenas e por Roma, diz que sua verdadeira pátria são os livros e é neles que se encontra. O desprendimento de Adriano é percebido pelo menino, o qual se mata ao primeiro sinal de declínio.

Com a morte de Antínoo, Adriano constrói, como já citado, Antinoé, uma cidade em homenagem ao menino, algo que ficará para o mundo, como uma recordação, um luto, uma forma de distração no lugar em que ocorreu a tragédia e, com o término da construção, resolve afastar-se da Grécia e nunca mais voltar a Atenas.

A morte do menino o faz lembrar a morte de outras pessoas queridas, das pessoas que ele julgou amar. Volta para Roma e passa a pensar na própria morte, reflete sobre ela e tem um sonho com o pai. Este sonho é como um novo encontro com o pai que, deitado num leito, nega-se a dar a Adriano uma poção para que durma tranqüilo. Esse reencontro com o pai, por meio do sonho, mostra-nos a ligação que se manteve entre Adriano e a memória desse pai, e como a relação com este permeou seus desejos em vida, que podem ser considerados como realizados.

Adriano repassa toda a sua vida, pensa no que deixou plantado e se sente pronto para a próxima aventura, a própria morte, e diz se esforçar para entrar na morte com os olhos abertos.

Conclusões

A partir das considerações aqui apresentadas e suscitadas pela leitura da obra, pudemos perceber como o personagem traz sua família dentro de sua história: os valores, hábitos e a forma como estabelece relações, possibilitando-nos, assim, entender a dinâmica da transmissão psíquica entre as gerações e como se dá o mapeamento de seu mundo individual. Desvendar Adriano leva-nos a pensar se essa obra seria uma autobiografia. Ficamos sempre com a dúvida: é Marguerite Yourcenar quem dá voz ao Imperador Adriano ou é Adriano que empresta a alma à escritora. Porém, o que podemos concluir é que Adriano Yourcenar, ou Yourcenar Adriano são sujeitos formados pelo transmitido, algo que, mesmo inconsciente, é passado para outras gerações e que influencia suas vidas e o caminho que estas seguem.

Este estudo também nos trouxe contribuições para o olhar clínico e para a prática em pesquisa científica. A compreensão da dinâmica da transmissão psíquica contribuiu com conhecimentos específicos na prática clínica com famílias.

Emídio, T. S., & Valente, M.L.L.de C. (2004). A study of psychic transmission in Memórias de Adriano. *Revista de Psicologia da UNESP*, 3(1), 32-42.

Abstract: *This work aimed, through psychoanalytical looking and listening, to understand story of a novel's character, and to build hypothesis about his individual world, studying the psychic transmission dynamics among generations and the influence of familiar myth in the conception of family reality. The character belongs to the work Memórias de Adriano by Marguerite Yourcenar and which deals with the Roman Emperor. Adriano decides to write one letter testament to Marco Aurélio, his successor, when he finds out the proximity of his death. This study contributes to the clinic look and practice in scientific research. It contributed also to the reflection on the importance of the family in the constitution of a subject and the values which one transmitted by other generation. It enabled the understanding of the psychic transmission dynamic and these questions contributed with specific knowledge in clinic practice with families.*

Keywords: *psychoanalysis; literature; psychic transmission.*

Referências

- Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão trad., Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão trad., Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës, *Transmissão da vida psíquica entre as gerações* (C. Berliner, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (1998). *Tempo de muda – ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R.. (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Yourcenar, M. (1974). *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.